

A meliponicultura comunitária no Baixo Amazonas, Pará

de Luca Fanelli*

Trabalho apresentado simpósio MELIPONICULTURA EM COMUNIDADES, dia 03/06/2008, no âmbito do 17º Congresso Brasileiro de Apicultura e 3º de Meliponicultura.

O contexto

O CONTEXTO GEOGRÁFICO

“A Região do Baixo Amazonas é a quarta mesorregião mais populosa do Estado do Pará, compreende os municípios de Almeirim, Prainha, Monte Alegre, Santarém, Alenquer, Curuá, Faro, Terra Santa, Óbidos, Oriximiná, Juruti, Belterra, Aveiro. Os treze municípios que compõem o território do Baixo-Amazonas ocupam uma área de 335.282 km², o que representa 26,87% da área total do Estado. A população estimada pelo IBGE em 2007 foi de 677.325 habitantes, ou 9,59% do total do Estado. Santarém é o maior centro urbano do território, possui o maior índice de urbanização (71%), a menor razão de dependência (72,2%) e é responsável por 41,1% da população total do território (278.118 habitantes), seguido pelos municípios de Monte Alegre com 70.920 habitantes, Oriximiná com 54.855 habitantes e Óbidos com 50.049 habitantes, conforme tabela abaixo. A taxa de urbanização da região é de 55,77% da população contra 44,23% que se encontram na zona rural.

A densidade populacional do território é de 1,85 habitantes por quilômetro quadrado uma das mais baixas do estado do Pará, sendo que em Oriximiná esse índice cai para 0,45 e em Santarém sobe para 11,47 que caracteriza uma grande concentração populacional na cidade pólo do território. A população rural supera a urbana em 9 dos 13 municípios componentes do território [...]. Ainda assim, de acordo com os dados do Censo 2000 do IBGE, o território do Baixo Amazonas apresenta uma população urbana (56,46%), superior a rural (43,46%) [...]. Tradicionalmente a região do Baixo Amazonas foi habitada por populações indígenas em tempo que antecede o processo de colonização. A ocupação da região se deu a partir do século XVIII por meio da instalação das primeiras povoações portuguesas. [...] A consolidação do processo de ocupação se deu efetivamente no final do século XIX ainda na exploração da borracha na Amazônia. É uma região com significativa presença de áreas protegidas e terras indígenas [...]. Em Santarém está [...] localizado o segundo porto mais importante de embarque de madeira para exportação na Amazônia, servindo também de apoio para a exportação de grãos da região. Apesar de possuir a menor rede de estradas do Estado, o território do Baixo Amazonas é cortado pela BR-163 (Santarém-Cuiabá), que possibilita condições bastante favoráveis de integração da região com o restante do País” (A.A.V.V. 2008, pp. 10-12).

□ Luca Fanelli tem mestrado em história pela Universidade dos Estudos de Turim (Itália). Estudioso do campesinato brasileiro, publica o livro *La scelta della terra. Studio di un insediamento rurale del Movimento Sem Terra in Brasile* [A escolha da terra. Estudo de um assentamento rural do Movimento Sem Terra no Brasil]. Torino: Zamorani. 2002. A partir do 2000 colabora com organizações não governamentais de cooperação ao desenvolvimento italianas e desde o 2005 representa o Movimento pelo Auto-desenvolvimento, o Intercâmbio e a Solidariedade – MAIS no Brasil. Para o MAIS é cooperante no projeto Uirapuru (AID7199/MAIS/BRA), no Baixo-Amazonas, em parceria com CEAPAC e CEFT-BAM e o projeto Vale do Ribeira, no Estado de São Paulo (AID8596/MAIS/BRA), em parceria com o Instituto Sócioambiental - ISA.

Do ponto de vista econômico, a região é caracterizada por uma forte segmentação. Por um lado, se observam grandes e médias empresas, concentradas nas atividades extrativas, em primeiro lugar mineral, e, em segundo lugar, da madeira e, finalmente, de outros recursos naturais, como o pescado, e, finalmente, a agricultura e a criação de gado em ampla escala. O outro plano é aquele da grande maioria da população, engajada em atividades extrativas de pequeno porte, de agricultura e pecuária, na área rural, e nos serviços públicos e particulares, nas cidades. A renda média da região no 2000 era de R\$ 99 (R\$ 85 no 1991), o índice de Gini no 2000 era do 0,606 (piorando a situação frente ao 1991, quando era 0,521), mas o índice de desenvolvimento humano melhorou um pouco, de 0,602 para 0,676 (UNDP 2000).

MELIPONICULTURA E APICULTURA

Neste contexto, a criação de abelha se situa principalmente dentro do contexto dos pequenos e médios produtores da área rural e, parcialmente, urbana. Até hoje não existem pesquisas que acompanham o desenvolvimento histórico da criação da abelha na região.

A extração de mel da abelha nativa é uma atividade tradicional que uma parte das populações caboclas herdaram dos indígenas que habitavam a região, com destaque na várzea. A criação desta abelha é bastante recente, e remonta, com pouquíssimas exceções, aos anos Noventa. Também não existem ainda dados sobre a época da introdução na região da *Apis*, que hoje já se encontra em estado natural.

Hoje o número de criadores está aumentando, porém as experiências são sobretudo isoladas, tornando difícil uma quantificação exata. Existem produtores que criam só a *Apis*, assim como outros que criam só a nativa e, também, outros que criam as duas. Tirando algumas exceções, o número de caixas médio por produtor é muito limitado; para dar uma ordem de grandeza, podemos colocar o número de 10-20 como número de caixas em média para a maior parte dos produtores. Existem porém alguns produtores isolados que atingem hoje um número muito maiores de caixas. No que se diz respeito à abelha nativa, se conhecem pelos menos 3 produtores com mais de 200 caixas.

Ainda uma vez excluindo as exceções acima citadas, a criação de abelha é uma atividade “de quintal”, que constitui uma fonte para a nutrição familiar, e uma pequena complementação de renda.

OS PROJETOS DE INCENTIVO

Um dos principais fatores de incentivo à criação de abelha vem de iniciativas de organizações não governamentais ativas na região. A criação de abelha é entendida por estas organizações como fonte de renda e como produção mais sustentável do ponto de vista ambiental. Entre as organizações locais que já incentivaram a criação de abelha, se destacam: o IPAM, o CEFT-BAM, o CEAPAC, o CNS, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Belterra.

As iniciativas de incentivo se concentram na qualificação da produção, impulsionada mediante cursos de capacitação e fornecimento de equipamentos; mais incipiente é o trabalho relacionado ao acesso a mercados, enquanto praticamente assente é a componente de pesquisa. Na maior parte dos casos estes processos são acompanhados por um processo de organização comunitária.

O MERCADO

A criação de abelha no Baixo-Amazonas concentra-se na produção de mel, enquanto os outros sub-produtos são quase desconhecidos. A produção de insumos para a comercialização (cera, rainhas, etc.) é também muito incipiente.

O mel de abelha é considerado pela população local, rural e urbana, um remédio, que pode ser usado sozinho, ou como base para a preparação de outros remédios, sobretudo xarope com plantas medicinais. Esta característica medicinal é mais destacada para o mel oriundo de abelha nativa.

Esta situação faz que a demanda local de mel seja muito restrita. A maior parte do mel produzido e comercializado, é comercializado na comunidade de produção, ou no município próximos e entregue por encomenda do produtor para o consumidor. Esta proximidade, ou cadeia curta, é tanto mais importante, sendo que existe uma suspeita difusa a respeito das condições de produção e da adulteração do mel.

Os pontos “formais” de venda do mel regional são as feiras dos municípios e, principalmente, a feira do Mercado 2000 de Santarém e a(s) loja(s) de alguns projetos de incentivo.

Existem alguns casos de exportação de mel fora da região, especialmente para o Sul do Brasil. Porém, estas experiências são isoladas e não têm dados sobre isso.

A específica situação de mercado do mel na região do Baixo-Amazonas determina uma formação do preço também específica, cuja origem é desconhecida: o mel de abelha nativa é vendido na região ao preço de R\$ 15- 20 / litro, enquanto o mel de *Apis* é apenas um pouco mais barato.

A importação do mel na região é também limitada. Alguns produtos a base de mel, oriundos do Nordeste, assim como o propolis, são vendidos nas farmácias, enquanto o mel para alimentação é vendido em pequena quantia nos maiores supermercados.

EXPERIÊNCIAS E NÚMEROS

Como já mencionado, não existem dados confiáveis sobre número de criadores, quantidades produzidas e comercializadas no Baixo-Amazonas.

Um primeiro levantamento exploratório de experiências nós permite de apresentar o mapa em baixo, indicado quantias prováveis de produtores que criam abelha nativa e *Apis* no Baixo-Amazonas.



Figura 1. Produtores de mel no Baixo-Amazonas (Fonte: MesaMel, Pesquisa exploratória, 2007)

As principais dificuldades enfrentadas

DISPERSÃO, POUCOS CONHECIMENTOS

Uma dificuldade enfrentada pelos produtores, assim como pelas organizações de assessoria, é a dispersão dos produtores e a falta de informações sobre os mesmos. Isto dificulta não só o acompanhamento, mas sim a troca de experiências e a geração de um mínimo de escala, para a comercialização.

Além da falta de conhecimento quantitativo dos produtores, faltam também informações mais profundas sobre as formas de produção, a biologia das espécies, o histórico da produção na região, etc.

FATORES AMBIENTAIS

Ainda muito praticada é a extração predatória do mel; esta prática, se no passado, frente a uma menor pressão demográfica, era sustentável, agora está se tornando como potencialmente muito danosa. Outra questão que constitui fator de preocupação é a introdução em média - ampla escala da *Apis*, considerada por muitos, mais “eficiente”, porque mais produtiva; isso poderá no futuro determinar o desaparecimento das abelhas

nativas. Finalmente, de forma mais ampla e geral, o processo de desmatamento ameaça a florada mais característica das abelhas nativa.

QUALIFICAÇÃO: OS PRODUTORES

Mesmo com os poucos conhecimento que temos a respeito dos produtores do Baixo-Amazonas, pode-se afirmar que muitos conhecimentos ainda faltam entre os produtores, para a criação de abelha nativa. Isso se diz respeito à alimentação das abelhas, ao manejo, a extração, e ao beneficiamento. Constitui neste sentido um fator de dificuldade o fato que a criação de abelha não seja atividade tradicional entre as populações; porém, nos últimos anos, estão se formando na região produtores com uma boa bagagem de conhecimento prático-teórico, que pode se usado como alavanca para o aprimoramento do conhecimento dos outros produtores; ao mesmo tempo, este conhecimento concentra-se nos aspectos da produção.

QUALIFICAÇÃO: A FALTA DO MARCO LEGAL, DE POLÍTICAS PÚBLICAS E INFRAESTRUTURAS

A pouca qualificação dos produtos da criação de abelha é determinado, por outro lado, pela falta de infraestruturas, sobretudo no que se diz respeito à análise do mel e a sua embalagem. Esta falta de infraestrutura, por sua vez, é devida, por um lado à falta de compromisso dos órgãos públicos competentes, no apoio à criação de abelha; pelo outro, à falta de um marco legal, em nível nacional, que possa definir parâmetros de qualidades e boas práticas para a produção, o beneficiamento e a comercialização do mel.

A definição de um marco legal, se constitui uma necessidade, é também fonte de grande preocupação, devido à escala dos produtores do Baixo-Amazonas, às condições nas quais a produções é realizada, ao contexto infraestrutural mais amplo. Neste sentido, por exemplo, a exigência da construção de “casas do mel”, segundo o modelo da *Apis*, poderá expulsar a grande maioria dos produtores, ou favorecer processos de concentração; a priorização de formas de processamentos com elevada necessidade de capital, também poderão determinar os mesmos efeitos.

MERCADO

Os problemas acima citados, relacionados com o quadro da demanda relatado, fazem do mel do Baixo-Amazonas um produto com escassa comercialização na região e fora.

Isto não constitui um problema em si; porém, visando a geração de renda mediante a produção do mel e dos outros produtos da criação de abelha, esta situação constitui, de alguma forma, uma ocasião ainda não aproveitada.

A escassez de informações sobre mercados, a distância em termos de comunicação, a pouca valorização dos produtos locais, constituem alguns dos principais empecilhos para a comercialização.

Uma ameaça neste sentido é representada pelo possível fortalecimento de atores de grande porte, na comercialização do mel de abelha nativa, com danos para os pequenos produtores. Outra ameaça é a rápida diminuição dos preços, antes que estejam consolidadas formas de qualificação e agregação de valor aos produtos das abelhas nativas.

A MesaMel

No agosto de 2006 nasce a MesaMel, uma articulação de produtores e organizações não governamentais, envolvidos na criação de abelha e a produção e comercialização dos seus derivados. Entre os produtores participantes, se destacam: APRUSCIPESC,

ASPROEXPA, Melipomel, 'Joãozinho'; entre as ong: IPAM, MAIS, CEFT-BAM, CEAPAC, ACOSPER.

O objetivo da MesaMel é: “Fortalecer as experiências de produção de mel e outros produtos da criação de abelha, nativa e não, apoiadas pelas entidades, na região do Oeste do Pará”.

Durante as discussões dos participantes, se moldou a pauta de ações seguinte:

Produção

- Começar a produção
- Consolidar a produção
- Banco de dados de técnicos
- Banco de dados de fornecedores
- Troca de calendário de atividades.
- Representantes de cada projeto podem participar ás oficinas/ capacitações dos outros projetos.

Qualificação da produção

- Construção de casas do mel e de entrepostos.
- Melhoria das embalagens
- Certificação
- Discussão da certificação
- Busca conjunta de técnicos para certificação
- Construção de parcerias para uso de casas/ entrepostos comuns.

Buscar novos mercados

- Parceria entre produtores
- Informação
- Estratégia de escoamento
- Montar cooperativa
- Banco de dados de produtores
- Aumentar a rede de produtores

A estratégia de implementação desta pauta é a colaboração entre produtores e entre os diferentes projetos relacionados à criação de abelha, das diferentes ong envolvidas.

A partir de março 2008, está sendo desenvolvido pela MesaMel um primeiro censo dos criadores de abelha do Baixo-Amazonas.

Bibliografia

A.A.V.V.. Plano de Desenvolvimento Territorial Rural Sustentável do Baixo Amazonas/PA (versão preliminar). Santarém: s.e., 20 fev. 2008.

UNDP. Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. 2003.